

Fim de quarentena

Alexandre Lobão

Quarenta!

Nas redes sociais, centenas de amigos virtuais dão parabéns, a copiar mensagens de outros aniversários, flores, balões, bolos, velas... centenas de congratulações superficiais, de centenas de desconhecidos que alguém ousou batizar de “amigos” quando fundou a primeira das redes de relacionamentos virtuais – erro propagado para sempre, em todas as redes sociais que se seguiram, como o pecado original que se perpetuou para todos os descendentes de Adão e Eva.

Em plena quarentena, mesmo cercado de solidão já por seis semanas, o peso das hipócritas mensagens é demais para mim. Desligo o mundo com um dedo, e retorno para minha sala de estar.

Largo o telefone sobre a mesa mais próxima, e quase sem perceber solto um suspiro de alívio. O peso da vida online é bem maior que sua substância, mas creio que só o percebemos quando finalmente a largamos e conseguimos olhar em volta, para além das sombras projetadas nas paredes da caverna de Platão.

O mundo, afinal, existe - logo penso eu.

O sol que entra, convidativo, aquece meus ossos e chama para um passeio, que polidamente recuso. Assumo a liberdade de olhar pela janela, apenas para admirar-me – novamente – com a rua vazia, o silêncio dos motores não ligados dos automóveis dando espaço para o cantar dos pássaros. Estaria este canto sempre ali, escondido sob o rugir da cidade, ou os pássaros, como dizem alguns, retornaram à urbe para retomar seu espaço por alguns dias, a aproveitar que a humanidade segurou a respiração?

O som e o sol me animam o suficiente para buscar novos rumos, ainda que sem sair de casa.

Caminho até o fim da sala, contando os passos. Nove. Viro para o lado, conto novamente. Cinco.

Minha sala, minha vida.

O banheiro e a cozinha são funcionais, com o mínimo necessário e bem organizados para suas atribuições.

O quarto de dormir guarda, entre lençóis e travesseiros, uma ou outra lembrança. Não sei se movido por alguma força subconsciente, nunca me dei ao trabalho de pendurar um quadro ou realizar alguma decoração mais pessoal.

Então, é no espaço reduzido de minha sala, nove passos por cinco, que estão as memórias acumuladas de quarenta anos de uma vida.

Uma grande estante, que ocupa quase toda uma das paredes, guarda meus bens mais preciosos: livros. Cada um lido com cuidado, muitas vezes rabiscados ou com anotações que fiz em suas margens, com o mesmo carinho de quem escreve cartas a um amor distante. Lembro da quase volúpia com que, tantas vezes, meu lápis acariciou a pele suave das páginas, anotando, concordando ou discordando, transformando cada livro em meu, cada leitura em uma experiência de vida.

Do canto da sala, admiro a estante por alguns momentos, olhos correndo pelas lombadas, detendo-se aqui e ali para reler títulos e deliciarem-se com antigas lembranças.

Um livro dado como presente de aniversário por meu pai, no ano em que entrei na universidade.

Um outro, oferecido por minha esposa como presente de Natal.

Um terceiro, recebi quando fui galardoado em um concurso de contos organizado por colegas escritores, parte de uma brincadeira para estimular as criatividadeas.

Só quando paro para observar uma quarta obra, uma curiosa história – foi um livro que recebi em troca de devolver um gato perdido ao seu dono – é que percebo que não estou alinhavando as histórias que li, mas as que vivi.

Moby Dick. Uma perna quebrada, futebol na escola, 12 anos. Uma façanha, o livro mais longo que tinha lido até então.

Uma coleção inteira de Agatha Christie, outra de Conan Doyle. Hepatite, 23 anos, somada ao interesse temporário por histórias de mistério.

Tom Sawyer. 10 anos. Minha mãe disse que eu ficava tempo demais dentro de casa mandou-me ao quintal pegar um sol. Levei o livro e devorei dezenas de páginas, sentado sobre um galho alto de uma árvore.

Ao brincar com memórias e letras, reparo em algo que se destaca na prateleira mais alta. Por trás dos livros, uma lembrança perdida, o prelúdio de um segredo que se esconde, tímido, do meu olhar.

Subo em uma cadeira e desenterro aos poucos o enigma. Decifra-me ou devoro-te.

Assim que deito alguns livros na prateleira de baixo, abrindo espaço, a curiosidade dá lugar à surpresa: uma caixa que conheço bem. Uma cápsula do tempo involuntária, guardada e esquecida ali há pouco menos de sete anos, poucas semanas depois de... de uma outra história, que não gosto de contar nem para mim mesmo.

As mãos tremem ligeiramente quando a puxo para fora, coloco-a sobre a mesa e vou buscar um pano para limpar a poeira acumulada dos anos.

Na prateleira de baixo, os livros descansam de sua vigília prontos para, quem sabe em breve, retornarem aos seus postos de guardiães da caixa.

Ou não.

Algumas passadas de pano depois já não há poeira suficiente para sustentar desculpas para manter a caixa fechada.

Continuo a passá-lo, até que nem mesmo eu tenha coragem de manter a procrastinação.

Lavo o pano, torço, penduro no pequeno varal sobre a máquina de lavar.

A caixa me chama de cima da mesa.

Afinal, convenço-me de que não há motivos para tanto.

O que ela contém, afinal, eu sei bem.

E – bolas! – é meu aniversário! Eu mereço um pouco de recordações, ainda que dentre elas hajam aquelas que não sejam exatamente felizes, para se dizer o mínimo.

Finalmente decidido, sento-me à frente da caixa e seguro a tampa.

Lembro do mito da Caixa de Pandora, tão semelhante ao mito do fruto proibido colhido por Eva.

E, seguindo Pandora, cedo à curiosidade e abro a caixa.

As memórias, como a transição que fiz do mundo virtual para o real pouco antes, passam à materialidade.

Fotos, desenhos e bilhetes de amor se misturam com flores secas, guardanapos com desenhos de bocas em batom e souvenirs de viagens antigas.

Do fundo da caixa, nasce uma memória em um sorriso com aparelho nos dentes. Minha primeira namorada.

Aos meus quinze anos, eu era uma negação com as mulheres.

Meu primeiro beijo foi em meu aniversário de 16 anos, quase uma cortesia de minha irmã mais velha: Fomos dois casais ao cinema, ela e o namorado, e eu e uma amiga mais nova dela, que supostamente gostava de mim.

Tímido, eu tremia com mera expectativa de que qualquer coisa pudesse acontecer. Suava frio, tentava reunir coragem para encostar de leve minha perna à dela, tocar quem sabe na mão delicada que ela colocava, provocativa, no braço entre as cadeiras.

Com o riso provocado por determinada cena do filme, nossos olhares se cruzaram e a vontade foi mais forte, ainda que por instantes, que o medo.

Fomos lentamente aproximando os rostos e, neste momento, escapou de minha boca algo como:

“Creio que agora é suposto que eu te beije, não é verdade?”

Imagino que ela deve ter gargalhado por dentro, mas conseguiu se segurar e me beijou. Menino-homem, tão mais ingênuo e belo do que depois me tornei!

Ficamos apenas três meses juntos, mas a lembrança dos amigos sobre aquele momento – sim, fui tolo o suficiente para contar o que houve – persiste até hoje, décadas depois, nas eventuais conversas de bar onde o esporte preferido sempre foi lembrar de momentos embaraçosos da trajetória dos outros.

Não que tenham sobrado muitos amigos.

O tempo e a distância acabaram por nos afastar.

Namoros, casamentos, filhos, mudanças de endereço, de vida, de sexo... tomamos rumos diferentes, e quando percebemos, anos se passaram, amizades se foram.

E aquela história, repetida à exaustão nas figurinhas das redes sociais, de que “amizade de verdade é para sempre”?

Não sei.

Quase que imediatamente, como a superficialidade das postagens na internet, minha atenção divaga para algo cilíndrico, ao fundo da caixa.

Uma cápsula de uma bala de efeito moral, daquelas utilizadas pela Polícia de Segurança Pública para dispersar multidões.

Levo ao nariz e o leve cheiro de pólvora, mais adivinhado que realmente presente, me leva à próxima memória.

Minha incapacidade com a política sempre foi maior que minha timidez, se é que isso é possível.

Sendo um rato de biblioteca desde os seis anos de idade, tolamente não me considerava parte da “massa comum” da população – nunca gostei de futebol, programas de humor ou outros

ópios para as massas oferecidos pela televisão. Mas se isso de alguma forma talvez me diferenciasse, nunca o fez o suficiente para que desenvolvesse em mim uma consciência social mais apurada. Já fosse eu nascido à época da Revolução dos Cravos, provavelmente teria descoberto o que houve pelos jornais no dia seguinte, e isso somente se me desse ao trabalho de levantar os olhos dos livros tempo o suficiente para ler as manchetes.

Não que eu fosse, ou seja, alienado. Pelo menos gosto de pensar que não.

Simplesmente lia de tudo, e me adaptava a tudo. Preocupava-me com todos e ajudava a quem precisasse perto de mim, mas nunca me imaginei derrubando governos.

Minha irmã era o oposto.

Criados na mesma casa, pelos mesmos pai e mãe, não poderíamos ter sido mais diferentes.

Cheia de energia e fúria, ela me batia, por motivos variados, até meus oito anos de idade, dez anos dela. Não lembro bem o motivo da última briga, mas me recordo que um dia finalmente tive forças para vencer.

A partir deste dia, seja por respeito ou por medo, ela nunca mais me provocou. E como eu, pacífico que sempre fui, também não iniciava brigas, nunca mais resolvemos nossas diferenças aos tapas - e fomos nos aproximando cada vez mais.

Minha irmã era, e ainda é, intensa. Mesmo que não fosse exatamente bonita, sempre atraiu as pessoas com seu olhar, que refletiam sem filtros o que se passava em seu coração.

E ela sempre teve um grande coração.

Logo cedo começou a se questionar: Porque algumas pessoas gostavam de dominar, de fazer mal a outras pessoas? Porque havia dinheiro, classes sociais, diferenças? Para ela, não havia diferenças que justificassem exploração ou preconceito, conceitos estranhos de mundo estranho.

Enquanto, aos quatorze anos, eu mergulhava de Tolstói a Tolkien, ela olhava em torno de si e acreditava que a humanidade poderia ser muito mais.

Aos quinze anos, ela organizou seu primeiro grande protesto.

Ainda que mais novo, eu era homem, e naqueles tempos isso indicava – erroneamente, eu já sabia – que eu tinha mais capacidade de protegê-la do que o inverso. Meus pais, obviamente, pediram que eu a acompanhasse. Ou quiçá fossem melhores que este meu julgamento apressado, e pensassem que minha presença seria um estorvo para ela e que ao precisar de cuidar do irmão ela teria que desviar sua atenção da meia dúzia de manifestantes que talvez aparecessem para protestar contra as ações mais recentes do Governo.

Quando chegamos próximos à Praça da Liberdade, espantei-me com as centenas de pessoas a segurar cartazes, gritar palavras de ordem e fazer pressão contra uma fileira de policiais vestidos com armaduras leves e escudos, na tentativa de se aproximarem do prédio da Câmara.

Minha irmã exultou, segurou minha mão e puxou-me para o meio da confusão.

Quando começaram os tiros de efeito moral – basicamente, grandes explosões que não provocavam efeito algum além do barulho – ela me arrastou até a linha de frente. Um espaço de quase um metro se havia aberto entre manifestantes e policiais, e ali se colocou ela, junto com outros que ajudaram a organizar o movimento, braços abertos e mãos mostrando o símbolo de ‘paz e amor’ consagrado nos anos hippies.

Assustado, meio que me escondi atrás dela, esperando pelo pior.

Um capitão da polícia que passava, vendo-me quase abraçado à minha irmã, aproximou-se e falou em tom agressivo que ela não deveria levar crianças para um protesto. Ainda que ligeiramente ofendido, como era usual apenas me calei.

Minha irmã, com tranquilidade, replicou que o protesto era pacífico. Todos iriam pacificamente até a câmara, realizariam um abraço simbólico ao prédio e depois iriam para casa.

O capitão suspirou.

Minha irmã sempre teve este efeito sobre as pessoas. A serenidade de seu coração transparece nos seus grandes olhos, e as pessoas... bom, as pessoas simplesmente prestam atenção a ela. Ouvem o que ela tinha a dizer. Podem até não concordar, mas na maioria das vezes até o fazem.

O capitão olhou novamente para ela, olhou para a multidão que se avolumava, e provavelmente prevendo um final ruim para ambos os lados, puxou o rádio que trazia preso ao peito. Sua voz se fez ouvir em caixas de som distribuídas por toda a fileira de policiais.

“Atenção, por favor, atenção.”

O burburinho da multidão arrefeceu ligeiramente, e ele continuou.

“Estamos aqui para protegê-los. Chegou ao meu entendimento que vocês irão até o prédio da Câmara, farão um abraço simbólico e depois se dispersarão. Os policiais vos acompanharão de perto, e qualquer tentativa de agressão ou destruição de patrimônio será reprimida de acordo. Se este é um protesto pacífico, comportem-se como tal!”

Alguns segundos depois, tempo suficiente para que todos pudessem interiorizar o que dissera, falou novamente, agora em tom de comando.

“Atenção, esquadra. Baixar escudos e liberar a passagem aos cidadãos.”

Largando o microfone, o capitão olhou para minha irmã com um olhar duro e apontou para seu rosto.

“Trate de controlar sua gente. Se houver problemas, prometo que serás a primeira a ser presa!”

Vendo a cápsula de uma bala de efeito moral no chão, peguei-a e guardei como recordação.

Ela sorriu e seguiu adiante, segura de que tudo correria bem.

Nunca senti tanto orgulho dela quanto naquele dia.

Enxuguei as lágrimas dos olhos. Minha irmã... Há quanto tempo não nos falávamos? Desde que ela mudara para a Itália – para Marselha, obviamente, onde os temperamentos eram parecidos com os dela – havíamos nos afastado.

As desculpas antigas eram as dificuldades em cruzar fronteiras, o incômodo de realizar câmbios entre moedas, o custo dos trens e das ligações telefônicas.

O tempo tratou de derrubar barreiras, unificar moedas, permitir ligações sem custo.

Ainda assim... Há quanto tempo não nos falávamos?

Revirei a caixa novamente, e uma foto de uma faixa de pano pintada à mão chamou-me a atenção.

“Você é uma amora, ainda bem que me namora”.

Ao lado, um desenho engraçado de uma menina com os braços abertos.

Minha primeira paixão.

Como as grandes descobertas, também aconteceu por acaso. Eu ia para casa de ônibus – não de autocarro, nesta época já havia mudado para o Brasil – quando uma linda morena parou ao meu lado e me cumprimentou, boca e olhos sorrindo tão largamente que, em minha mente, ainda vejo seu brilho.

“Oi, Alexandre!”

Levantei a cabeça e, entre surpreso e extasiado, consegui gaguejar algo parecido com “vô vô você me conhece?”.

Ela riu, um riso leve, gostoso, e emendou com aquela segurança que só tem as pessoas que conhecem seu destino no mundo.

“Bem, se você não me conhece, então vou embora!”

E foi andando até o fundo do ônibus, seguida pelo meu olhar atônito. Sentou-se na última cadeira vaga que havia.

Olhando em retrospecto, com um inevitável sorriso no rosto, percebo que aquela foi uma das únicas vezes em que a timidez me escapou: levantei-me, fui quase correndo até perto dela e, na falta de cadeiras, agachei-me no corredor ao seu lado.

Ela riu novamente, um sorriso pelo qual eu já havia me apaixonado sem perceber.

“Seu doido, levanta daí!”

“Só se você me contar de onde nos conhecemos.”

“Não te conheço não, só achei sua carteira ali no chão.”

Fiquei sério por um instante e corri a mão ao bolso da calça. A carteira ainda estava lá, e o sorriso dela se desdobrou em uma risada sonora, de criança feliz.

“Seu bobo! Sou a irmã da Simone, não lembra?”

Lembrei, como quem olha para uma rosa e consegue recordar do botão que fora, deslumbrado com a mudança.

Desci do ônibus com seu telefone anotado no bolso e o coração aos pulos.

Foram quatro anos de um amor leve, cheio de brincadeiras, rimas tolas e risos.

“Você é uma amora, ainda bem que me namora!”

Acabamos eventualmente por nos separar, não porque o amor houvesse se perdido, mas porque ele nos queimava tão forte que sabíamos, em nosso íntimo, que era nossa obrigação compartilhá-lo. Em um mundo com tão carente de luz, seríamos como novos Prometeus, levando este fogo para outras pessoas.

Por onde andaré esta paixão? Que caminhos terá percorrido, longe do meu coração? Terá conseguido persistir em nossa missão particular de levar amor e felicidade ao mundo?

Com um sorriso, coloco a foto ao lado da caixa, junto com as outras memórias que resgatei.

Animado com o jogo de (re)descobertas, fecho os olhos e afundo minha mão na caixa de lembranças, com cuidado abrindo espaço, deixando o tato me guiar.

Meus dedos encostam em algo macio. Tecido, definitivamente. Algum boneco, talvez? Percorro a forma incerta e, antes de decifrá-la, chego a uma das extremidades e a revelação me faz quase rir em voz alta.

“Pantaleão!”

Abro os olhos e tiro do fundo da caixa um pequeno leão de pano, muitíssimo feio e mal

costurado. Não lembrava que aquela coisinha saída do pesadelo de um costureiro estava ali!

Giro o pequeno monstrinho em minhas mãos, rindo sozinho.

Lembro dos “Quatro Fantásticos”, meu primeiro grupo de amigos quando cheguei ao Brasil.

Estava a entrar na universidade, a começar a viver em um novo país, e tudo era novo para mim. Até mesmo as alcunhas carinhosas pelas quais se chamavam – Gordo, Bocão, Cabeça e Perereção – faziam-me rir às lágrimas.

Admirado com o bom humor dos brasileiros eu os seguia, fiel D’Artagnan, em suas loucuras adolescentes, aprendendo a dançar, a rir, a ver o mundo de uma forma toda diferente. Em pouco tempo mereci o título de “primo”, pelo qual chamavam uns aos outros.

Com o tempo, hoje consigo perceber, fui convertendo palavras e costumes, tornando-me cada vez mais brasileiro – ainda que não haja dúvidas sobre onde meu coração reside. Basta sentir o cheiro de sardinhas na brasa que até o sotaque me retorna!

Giro nas minhas mãos o pequeno objeto, remotamente parecido com um leão. Era mais uma das tolas brincadeiras com as quais nos divertíamos tanto: presentear os amigos com o que de mais esdrúxulo houvesse! Nos aniversários, sempre regados a cerveja e conversas hilariantes, a hora de dar ou receber prendas sempre foi para mim a mais esperada.

Eram discos de música de péssimo gosto, cadernos com motivos infantis ou femininos, objetos de decoração que precisariam melhorar em muito para poderem ser considerados como “de gosto duvidoso”, e muito mais. A cada aniversário as prendas iam se tornando mais e mais estranhas, em uma competição que rendia muitas gargalhadas.

O Pantaleão foi uma destas prendas. Ao abrir o embrulho, deparei-me com a figura pequena, deformada, que pela juba de linhas soltas lembrava remotamente a figura de um leão. Já rindo, olhei para o Perereção, autor da façanha.

“O que é isso, primo?”

Entre risos, provavelmente potencializados pelo álcool que já lhe corria pelas veias, ele me explicou que havia encontrado uma velha senhora vendendo aquelas coisas próximo à rodoviária da cidade, e que o bicho era tão feio, tão feio, que ele não teve escolha a não ser comprá-la para me presentear. Guardara o presente pacientemente, por mais de quatro meses, apenas para poder ver a minha expressão de surpresa. E, é claro, imediatamente batizou o suposto leão como “Pantaleão”, que acabou por se tornar um enfeite pendurado no espelho de meu carro e nos acompanhou em inúmeros passeios e aventuras.

Seguro a coisinha esquisita pela linha utilizada para pendurá-lo e ele balança, torto e alquebrado, lembrando-me de como o fazia quando dirigíamos por uma estrada mais acidentada, a caminho de uma área de camping ou para visitar alguma cachoeira.

Deposito o animal, ou o que quer que fosse, ao lado das lembranças que já escaparam da caixa, e procuro algo mais.

A ponta de uma página rasgada de um livro, que imediatamente reconheço, traz-me lágrimas aos olhos. Estendo a mão e, delicadamente, puxo-a para a luz.

É uma página de um pequeno evangelho, destes de bolso, com uma das partes mais conhecidas por todos, a epístola de Paulo aos Coríntios falando sobre o amor.

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine...”

O trecho que me fez arrancar a página e carregá-la por muitos anos em minha carteira está pouco abaixo.

“E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.”

As lágrimas que me escorrem são alegria por ter tido a oportunidade de passar pelo que passei e aprender o que aprendi. E um pouco de vergonha, quem sabe, por ter deixado este aprendizado de lado na medida em que o passar dos anos me fez esquecê-lo, como um mau estudante após os exames.

Volto mentalmente à época em que trabalhei em um grupo de caridade ligado a uma igreja que era próxima à minha morada. Éramos homens e mulheres, jovens, idosos e eventuais crianças, que coletávamos donativos, contribuíamos com algum dinheiro, e a cada dois meses visitávamos um bairro ainda mais pobre de uma cidade já pobre, a duzentos quilômetros do Rio de Janeiro.

Quando ingressei, o grupo já estava em funcionamento há algum tempo e toda a organização da viagem funcionava muito bem: Uma das colegas alugava um ônibus, outro voluntário armazenava e organizava os donativos, um terceiro atualizava a cada viagem a lista das casas que mais precisavam de ajuda.

As horas de ida e de volta eram de agradável camaradagem, e a fadiga das caminhadas carregando mantimentos, utensílios e roupas se desvanecia a cada sorriso que recebíamos ao entrar nas moradas rés-do-chão.

Em uma destas viagens, visitamos uma morada tão pobre que o piso era de terra batida. A casa inteira (uma pia fazendo as vezes de cozinha, um lençol pendurado no teto para esconder uma cama, uma mesa e uma cadeira rudes, com madeiras mal pregadas) não era muito maior do que meu quarto, e luz entrava por imensas frestas nas paredes de madeira que sustentavam o teto precário.

Os olhos da senhora que nos recebeu – dona Maria, como tantas há no Brasil e em Portugal – brilharam ao receber uma sacola com alimentos bem acondicionados, que talvez lhe garantissem o sustento por um mês inteiro.

Enxugou os olhos disfarçadamente enquanto conversávamos, contando as dificuldades de sua vida e como fazia para se sustentar. Ao fim de algum tempo, falamos que precisávamos continuar a caminhada e que como usual leríamos um trecho do Evangelho para encerrar a visita.

Coube a mim a leitura e, abrindo aleatoriamente o livreto, caí justamente na página com a epístola sobre o amor.

“... E ainda que distribuísse toda a minha fortuna...”

Ao ler, tolamente pensei que a passagem era apropriada, pois ainda que não estivéssemos distribuindo todas nossas fortunas, ainda assim estávamos ali justamente praticando a caridade, o amor pelo próximo. Uma ponta de orgulho, talvez, tenha despontado em meu coração, por achar que naquele instante eu estava entendendo um pouco melhor o amor de que Paulo falava em sua epístola ao Coríntios.

Terminada a leitura, como de hábito, virei-me para dona Maria e pedi que ela comentasse

algo sobre a leitura, caso desejasse.

Ela balançou a cabeça, abriu o sorriso de poucos dentes, e falou com a voz dolorida que só têm aqueles a quem a vida renegou até mesmo o conforto de serem vistos como iguais por outros seres humanos.

“É verdade, isso aí, que você leu. Não adianta nada a gente ter muita coisa, não adianta nada a gente saber muita coisa, se a gente não se preocupa de verdade com os outros, não é não? Para você ver, outro dia veio aqui a Arminda, minha vizinha aqui do lado, mais ou menos perto do meio dia. Eu já sei que toda vez que ela aparece aqui a esta hora é porque na casa dela não tem o que comer.”

Meu coração começou a bater mais lento, já imaginando o que viria pela frente.

“Só que eu só tinha comida para uma pessoa. Lógico que se ela soubesse disso, ia querer dividir a comida, não é? Então, eu a convidei para almoçar, coloquei o prato na mesa e fiquei de pé encostada aqui na porta, com um prato vazio, fingindo que estava comendo. Depois, lavei os dois pratos, conversamos mais um tiquinho e ela foi para casa.”

Ela continuou a história, sem vaidade, sem querer parecer que era uma boa pessoa, apenas ilustrando com simplicidade o que havia entendido.

“Ela comeu no almoço, eu comi no jantar, aí todo mundo ficou feliz. Acho que isso aí que você leu é sobre isso, não é?”

A garganta fechada quase me impediu de concordar. Com o rosto trilhado por lágrimas, agradei, dei-lhe um abraço e me despedi.

Assim que saí do barraco que ela chamava de casa, rasguei a página do Evangelho e coloquei em minha carteira, como um lembrete de que ainda havia um longo caminho a percorrer até poder entender um pouco que fosse sobre o amor de que Paulo falava.

Ainda participei de muitas visitas à casa de dona Maria, e muitas outras donas e senhores esquecidos pela sociedade, e a cada visita percebia que os verdadeiros beneficiados não eram eles, mas sim eu e meus companheiros de viagem.

O casamento, algum tempo depois, e as responsabilidades que comecei a acumular sobre minhas costas, impediram-me de continuar com as visitas.

Não. Minto. E não posso mentir para mim mesmo, não mais.

Eu decidi deixar as visitas para momentos futuros, com a desculpa de que havia coisas mais importantes.

E agora, com aquela folha rasgada na mão e um sorriso doce trazido pela lembrança nos lábios, eu me pergunto: O que pode haver de mais importante que isso?

Balanço a cabeça, em uma concordância solitária com meus pensamentos, e reúno coragem para procurar por aquilo que eu sei que está ali naquela caixa e que desde o princípio me deixara receoso de abri-la.

Empurro para os lados as fotos de melhores momentos de viagens, alguns aniversários, a festa de casamento, a lua de mel... Finalmente acho, quase escondida, a foto de minha esposa, um sorriso lindo no olhar, o rosto corado, resplandecendo de vida, as mãos afetuosas como que abraçando a própria barriga, grávida de gêmeos.

Uma dor imensa me aperta o coração e sinto dificuldades em respirar. Inspiro

profundamente uma, duas, cinco vezes, e finalmente consigo olhar a foto novamente.

A dor intensa é então, e para minha surpresa, substituída por algo mais.

Amor, talvez não o amor que Paulo cantava, não um amor pela humanidade, mas todo o amor da humanidade concentrado em um só coração.

Acarício, com a ponta do dedo, sua bochecha, seu sorriso, a barriga. Seus olhos claros me dizem “eu te amo”, e respondo em voz alta. Ainda que meu peito ainda doa, seu amor me consola.

Se minha primeira paixão aconteceu em um ônibus, a minha segunda e maior paixão aconteceu em um parque.

Na época, estavam na moda os patins, e em uma pista circular dezenas de pessoas tentavam se equilibrar, hora segurando nas grades à volta, hora umas nas outras.

Eu, que havia comprado patins alguns anos antes e já tinha uma boa habilidade, tentava me desviar dos iniciantes sem assustá-los. No entanto, mesmo buscando manter a distância, fui surpreendido por alguém que veio por trás, desequilibrado, e agarrou-me pela cintura para evitar cair.

Consegui a muito custo evitar a queda, mas acabamos por rodar e deslizar pela pista, balançando desengonçadamente, vindo a parar só ao atingir uma das cercas de proteção.

Assim que agarrei o corrimão da cerca, sentindo-me seguro, desatei a gargalhar.

Virei-me para ver quem havia me agarrado e ela me olhou com o rosto vermelho de vergonha, sem saber o que falar. Balbuciou um “me desculpe”, mas era tarde demais: eu já estava cativado por ela.

No inusitado da situação, nem mesmo lembrei de minha timidez e respondi o que primeiro me veio à mente, ainda rindo: “Foi um prazer!”.

Ela não resistiu e se uniu ao meu riso. Assim que recuperei o fôlego, já totalmente (ou tolamente) apaixonado, ofereci-me para dar algumas aulas de patinação, coisa que ela evidentemente precisava. Ela perguntou quanto eu cobraria, e falei que bastaria aceitar tomar um gelado comigo mais tarde.

Tomamos o gelado (que eu paguei), ela se encantou com o meu leve sotaque português, e marcamos de encontrarmo-nos novamente dali a alguns dias.

Em um ano, passamos a morar juntos. Em mais um ano, nos casamos oficialmente.

A foto era do sexto ano de casamento, alguns meses depois de exultarmos com a descoberta de que ela estava grávida.

Olho para minha mão esquerda, onde meu dedo ainda se prende à aliança.

A dor que eu esperava, a dor que guardou aquela caixa em um local esquecido, ainda pulsava a cada batida de meu coração.

Mas olhando para o carinho, os risos, o amor de todas aquelas lembranças, a dor tão grande empalidecia.

Miro novamente as memórias que escavei do tempo e deitei sobre a mesa.

Uma foto de uma adolescente com grandes cabelos encaracolados e um sorrir sincero.

Uma grossa cápsula de uma bala de efeito moral.

Uma declaração de amor fotografada na forma de um verso singelo.

Um pseudo-leão de pano queimado pelo sol.

Uma página rasgada de um aprendizado.

Uma foto com três vidas, breves vidas.

Os amigos que riam de minhas parvoíces se afastaram, ou fui eu quem me afastei, trocando-os pela falsa segurança das amizades virtuais e superficiais?

Minha irmã mudou-se para longe de mim, ou fui eu quem mudei?

O calor que sentia ao ajudar os outros se perdeu, ou fui eu que me perdi?

As minhas paixões se foram, levadas pela vida ou pela morte, ou será que fui quem desisti de me apaixonar, de viver novos ou antigos amores e amigos, de vivenciar novos fogos ou reavivar antigos, de estender a mão a quem estava logo ali, mesmo, ao meu lado?

Minha quarentena começou há muitos anos. Quando eu saía às ruas e caminhava entre desconhecidos, sorria para estranhos, fazia amigos virtuais, ainda assim eu estava só.

E toda a dor e toda a tristeza que eu esperava encontrar naquela caixa, descoberta assim ao acaso, são distantes lembranças. O riso, o carinho, a felicidade que senti ao reviver aqueles momentos, tudo isso foi real e presente.

Olho novamente para a caixa, e percebo que ali ainda há dezenas de memórias felizes.

Nada, nenhuma delas, é o registro de um momento ruim.

Olho novamente para minha mão, onde a aliança é um elo que me prende a uma memória linda, de amor e felicidade.

Mas, apesar disso, é ainda apenas uma memória.

Tiro a aliança, guardo-a na caixa junto com as recordações que havia extraído há pouco.

A caixa, livre da poeira, eu deixo em uma prateleira de baixo, à altura dos olhos. Não tenho mais medo dela.

Os livros, mudos testemunhos das histórias que vivi, clamam por companhia.

Juntos, falam-me em silêncio que é tempo de viver novas histórias.

Ligo novamente o telefone.

Ignoro as dezenas de mensagens de pseudo-amigos, tão bizarros, tão longe da realidade quanto o Pantaleão.

Uma ligação perdida. Minha irmã.

Ligo para ela e, não sei porque, só de ouvir sua voz dizendo “Está lá?” já me vêm lágrimas aos olhos.

Enquanto conversamos, nossa primeira conversa verdadeira em muito tempo, puxo um lápis e um papel, e começo a anotar os nomes daqueles para quem vou ligar a seguir.

A quarentena, finalmente, acabou.